

Criança, Família e Sociedade

JOÃO GOMES-PEDRO

Resumo

Neste artigo, pretende o A. reflectir, mais uma vez, sobre os sistemas interiores da criança que viabilizam a sua comunicação, particularmente com os mais significativos.

O A. descreve a evolução que vai desde a descoberta do outro significativo até ao desespero que acontece com a substituição ou com a ausência desse outro significativo.

Esta evolução corresponde à maturação do vínculo e processa-se através dum longo caminho que vai desde o balbuciar desarticulado do bebé quando só, até à mais elaborada construção verbal entre dois seres traduzida por cumprimentos, insultos, interjeições de humor, metáforas ou ainda, por juras de amor.

Na base de toda esta elaboração temporal, o A. refere-se aos primórdios da aprendizagem das relações, já bem patentes no bebé recém-nascido e que uma avaliação cuidada permite identificar através da semiologia das emoções.

No texto, o A. sublinha a construção elaborada do sentido do outro significativo ou seja, o crescimento do amor por alguém que permanece como esse outro significativo reconhecendo esta elaboração como o processo mais sublime e mais complexo da vida que faz cada um aprender a distinguir cada outro durante essa mesma vida.

O A. salienta estas competências, bem identificadas hoje na vida pré-natal e que, se procuradas, podem ser salutarmente partilhadas entre profissionais e pais logo às primeiras horas de vida, o que evidencia, fundamenta e potencia os primeiros laços.

Para o A., do efêmero ao permanente, a diferença estará sempre no desafio da descoberta e esse desafio será a grande tarefa dos profissionais da Saúde e da Educação, numa missão que tem de ser conjunta e convergente.

Palavras-Chave: Criança, Família, Sociedade, Vinculação, «Situação estranha».

Abstract

In the article «**Child, Family and Society**» the A. reflects, once again, upon the child's inner systems, which enable him to communicate, particularly with significant persons.

The A. describes the evolution which goes from the discovery of a significant person to the despair of replacement or absence of this person.

This evolution represents maturation of the bonding process and develops from the baby's inarticulate babbling when alone, to the most elaborate verbal construction between two human beings, in the form of compliments, insults, humorous remarks, metaphors and even love promises.

As a basis for all this evolution over time, the A. mentions the learning of relationships, already well established in the newborn, and which careful assessment may identify through semiology of emotions.

In the text, the A. underlines the elaborate construction of the sense of a significant person, that is, the growth of love for someone significant, and recognizes this elaboration as the most sublime and most complex process in life, enabling each person to learn how to prefer another person during life.

The A. emphasizes the importance of these skills, which are now well identified in prenatal life, and which, when assessed, may be healthily shared by professionals and parents during the first few hours after birth, evidencing, fundamenting and enhancing the first attachments.

For the A., from ephemeral to permanent, the difference will always be in the challenge of discovery, and this challenge will be the great task of Health and Education professionals, in a joint and convergent mission.

Key-Words: Child, Family, Society, Attachment, «Strange situation».

Imaginemos em filme ou em tempo real o sempre inesquecível e apaixonante jogo interactivo de um bebé de seis meses. Completemos a fantasia e chamemos-lhe Laura. Sem equívocos, Laura sabe com quem prefere brincar e, sobretudo, o que quer e a que quer brincar.

É nesta altura que se torna bem patente o projecto do bebé e que, desde que nasce, protagoniza e revela a quem,

porventura, estiver disponível para o reconhecer. Este projecto do bebé é um projecto de desenvolvimento e é, de todos os projectos humanos aquele que, sem dúvida, colhe maior rentabilidade e impacto. É que, neste projecto, o bebé negocia a descoberta, a conquista e o envolvimento das suas relações mais significativas.

Na fantasia proposta terão reparado no olhar extasiado da Laura para a sua mãe, no ritmo alternante da sua comunicação, no dar a vez atempadamente quando de cada nova oportunidade. Terão reparado ainda no sorriso da Laura e na força daquele querer partilhar o interesse e os desafios da sua mãe.

Estas são as forças da vida que saltam à vista se estivermos atentos a esta semiologia quando porventura temos a oportunidade de observar uma criança nesta aventura da partilha, do jogo e da interacção com a sua circunstância, muito especialmente quando no seu envolvimento natural.

O que vimos, imaginado através das forças da Laura, terá sido apenas um breve episódio de um contínuo que é a aprendizagem da convivência social, provavelmente o processo e o programa mais sedutor da vida humana.

Há muito pouco tempo, um pai de um bebé recém-nascido a quem eu perguntava qual era o seu projecto de brincadeira com o seu filho, em cada fim de tarde quando do regresso a casa, respondeu-me assim: «Oh Sr. Doutor ele ainda não brinca, eu só me apetece é que passem estes dois anos bem depressa para depois poder jogar à bola com ele e começarmos então a brincar...»

O que o pai deste bebé me disse não é uma figura de acaso nem um fenómeno isolado de aculturação parental. O seu desabafo surge embebido de todo um modelo de saúde e educação que ignorou durante anos e anos, as forças de cada bebé que, porventura, antes dos seis meses, ainda não atingem a maturidade que a Laura tão exuberantemente revela.

Melvin Konner ⁽⁹⁾ escreveu num dos seus livros que cada vez que observa as espantosas competências comunicativas de um bebé de seis meses é tentado a julgar que nascemos todos precocemente, porventura uns meses antes do devido.

Eu próprio, já num escrito mais antigo, defendi que nascemos socialmente imaturos e que a natureza nos terá imposto essa antecipação temporal em função da extrema desproporção entre uma cabeça que cresce rapidamente e um canal pélvico que se mantém inalterável.

Para Konner, aquela desproporção, alarmante em termos de sobrevivência da espécie, terá obrigado a natureza a fazer nascer os nossos bebés meses antes de estarem, de facto, prontos para as relações interpessoais.

Julgo ser este um dos grandes mistérios da natureza humana, potencialmente expresso nesta questão: os nossos primeiros meses de vida, não fora aquela desproporção crâneo-pélvica teriam podido ocorrer dentro do útero materno sem qualquer prejuízo aparente, pelo menos de ordem social?

Ao reflectir de novo sobre as competências da Laura, apercebemo-nos que só agora, nesta idade, a Laura consegue reconhecer esta fundamental evidência das rela-

ções humanas – compreender e sinalizar a diferença entre comunicar com quem se gosta e comunicar com quem se não conhece...

Se pudessemos ainda fantasiar a vida activa da Laura nos dois meses anteriores, muito provavelmente na transição entre os seus quatro e cinco meses, teríamos tido decerto a oportunidade de verificar uma das viragens mais significativas que ocorre nas relações humanas. Refiro-me ao nascer da discriminação nas relações interpessoais.

Há pouco menos de três meses atrás, a Laura ainda distribuiria sorrisos a qualquer que viesse e lhe fizesse gracinhas ou lhe pegasse ao colo.

Mais ainda que esse sorriso, seria patente a constatação de que qualquer pessoa conseguiria uma consolação fácil cada vez que a Laura rompia em pranto por qualquer desejo não satisfeito.

Num instante, porém, tudo terá mudado na vida sensível das relações da Laura.

Da indiscriminação quase total (convirá, de facto, não esquecer a selecção preferencial que a Laura faz pela sua mãe e pelo seu pai, desde que nasceu) passou a haver opções progressivamente melhor demarcadas, a comunicação passou a ser selectiva, passou a emergir, direi, bem revelada, a semiologia da paixão e, se quiserem ainda, passou a revelar-se patente e de forma tão sensível, a angústia da ausência dessa paixão.

É extraordinária, na pessoa humana, a evolução que vai desde a descoberta do outro significativo até ao desespero que acontece com a substituição ou com a ausência desse outro significativo.

Esta evolução corresponde à maturação do vínculo e processa-se através dum longo caminho que vai desde o balbuciar desarticulado do bebé quando só, até à mais elaborada construção verbal entre dois seres traduzida por cumprimentos, insultos, interjeições de humor, metáforas ou ainda, por juras de amor.

Na base de toda esta elaboração temporal, estarão os primórdios da aprendizagem das relações, já bem patentes no bebé recém-nascido e que uma avaliação cuidada permite identificar através da semiologia das emoções. Refiro-me à identificação dos comportamentos do medo, angústia, apaziguamento, raiva, conforto, desafio ou ternura.

Tudo isto existe no bebé com segundos de vida!

Porém, a construção elaborada do sentido do outro significativo ou se se quiser, o crescimento do amor por alguém que permanece como esse outro significativo é o processo mais sublime e mais complexo da vida que faz cada um aprender a distinguir cada outro durante essa mesma vida.

Todos conhecemos hoje o envolvimento e o desenvolvimento da competência dos sentidos que determinam e estruturam a hierarquização dos outros significativos.

São todas estas competências, bem identificadas hoje na vida pré-natal e que, se procuradas, podem ser salutarmente partilhadas entre profissionais e pais logo às primeiras horas de vida, o que evidencia, fundamenta e potencia os primeiros laços.

A paixão que é algo de sonhado mas também descoberto e que sabemos hoje ser regulada pela chamada biologia dos afectos, é, naturalmente, veiculada pelos sentidos.

Do efémero ao permanente, a diferença estará sempre no desafio da descoberta e esse desafio será a grande tarefa dos profissionais da saúde e da educação, numa missão que tem de ser conjunta e convergente.

De qualquer modo, sabem os teóricos da vinculação, sabem todos os clínicos atentos e, sobretudo, sabem-no os pais expectantes, que os primeiros encontros ou melhor, o tempo e o modo das primeiras relações, são decisivos para a consistência dos laços.

Nas primeiras semanas e meses de vida, o desenvolvimento das preferências iniciais pelo cuidador mais significativo – em geral a mãe – é uma aventura espantosa que nunca nos cansamos de redescobrir.

A dependência que a proximidade afectiva com o outro significativo e preferencial acarreta, determina que, aos seis meses, a simples troca desse outro significativo por outra pessoa a que se designou chamar estranho e estranho, de facto é na vida de relação da criança, essa simples troca, dizia, induz os comportamentos que tiveram ocasião de imaginar.

A figura do estranho é uma figura de stress e, perante o stress, nestas e noutras ocasiões, o bebé desta idade, tal como a Laura, manifesta já as suas preferências em função de uma alternativa de guarda ou de socorro.

Poderá ser o avô ou a avó, poderá ser o pai ou um irmão mais velho, sempre disponíveis para uma actividade motora organizada em jogo, exuberante e envolvente, capaz de induzir de forma pronta e directa, a resposta que se tem como contingente, por parte do bebé.

Na opção do bebé, inscrita num espectro progressivamente mais dilatado de preferências emocionais, estará representada como faixa, a representação sequencial do desenvolvimento dos vínculos.

Neste mesmo contexto, poderá entender-se, tal como acontece com a abertura progressiva do diafragma do obturador de máquina fotográfica, a disponibilidade sequencial para as figuras de vinculação social que completam, em sucedâneo, o quadro dos outros significativos e que, no seu conjunto, formam o leque da representação social e emocional da criança.

As reacções que o bebé evidencia perante o stress, na segunda metade do primeiro ano de vida, representam aquilo que os antropologistas chamam de medos sociais. Estes medos ou reacções de alarme – terminologia com

que os puristas do stress melhor se identificam – são hoje melhor conhecidos como expressões representativas dos vínculos preferenciais.

Apelidada de situação estranha, a simulação laboratorial do stress consiste na construção artificial de oportunidades em que o bebé ora fica só ou se confronta com um estranho ou ainda, pode ser colocado perante representações de depressão na mãe.

Estas situações foram desenvolvidas e experimentadas pela primeira vez pelo psicólogo Jean Arsenian e, mais tarde, investigadas por Mary Ainsworth e seus pares, tendo como objectivo principal o propósito de testar a teoria da vinculação de John Bowlby.

Nunca será demais recordar que Bowlby interpretou primeiramente a ligação mãe-filho como uma adaptação num contexto de evolução, adaptação essa destinada à profilaxia do afastamento materno, nomeadamente e principalmente, em função dos predadores.

Numa interpretação antropológica, também evolucionista, o medo ou a angústia da separação, serão, do lado do bebé, a representação da outra face do amor.

Para os nossos antepassados, terá tido sentido a figura dos caçadores-predadores enquanto que, para a sociedade de hoje a predação representará o assalto ao vínculo expresso esse assalto pelo stress, pela violência, pela ruptura familiar, pelo apagamento das identidades e, sobretudo, pela contínua perda de oportunidades em construir laços o que é patenteado por uma sistemática e progressiva menor atenção dos cuidados primários – tanto de Saúde como de Educação – para os tão decisivos primeiros tempos de vida.

Ainda em termos evolucionistas e de conservação da espécie, a primeira ligação sócio-afectiva da pessoa humana terá servido, desde sempre, propósitos biológicos bem precisos.

Retenhamos as necessidades energéticas e o equilíbrio hidro-electrolítico que a amamentação, sempre disponível, viabiliza; retenhamos a estabilização da temperatura que o contacto corporal mãe-filho facilita; retenhamos ainda a prevenção do risco de infecção que é conseguido pela prevenção do contacto com estranhos (favorecida pela amamentação) e, ainda, pelas propriedades imunológicas inerentes ao próprio leite materno.

Ainda numa perspectiva de adaptação evolucionista, os primeiros laços servirão para fornecer, de modo mais significativo, os fundamentos emocionais da aprendizagem cultural.

A fenomenologia da adaptação, em termos antropológicos poderá ajudar, de um modo muito especial, à compreensão desta dimensão que, de facto, só existe na espécie humana.

Se entendermos que a linguagem, na nossa espécie, é o paradigma da comunicação social e das relações inter-

peçoais, será necessário deduzir, em consequência, que a aprendizagem cultural, desenvolvida através da linguagem, exigirá uma maturação tanto emocional como afectiva muito profunda e necessariamente antecipatória à organização da linguagem verbal.

Tem-se escrito e nós já o referimos atrás, que o bebé humano será um prematuro social dado que nasce com a imaturidade que todos bem conhecemos. Essa pretensa «prematividade» é uma consequência de uma manifesta impossibilidade em prolongar por mais tempo a vida intra-uterina, em função de uma real incompatibilidade feto-pélvica que resulta, por sua vez, do progressivo aumento da caixa craneana, incomparavelmente superior, por exemplo, à dos nossos parentes símios, em função da óbvia natureza e dos destinos dos respectivos cérebros.

Adaptação, terá sido, assim, a palavra de ordem para a nossa espécie e sabemos, cada vez melhor, quão crítico é este imperativo num contexto de aprendizagem e de luta pela sobrevivência.

Os primeiros meses de vida desempenham, no bebé humano, um papel fundamental em termos de aprendizagem das capacidades destinadas a aprofundar e alargar o leque dos vínculos mais significativos, no espectro do envolvimento social de cada família.

A aprendizagem da descoberta social alcança-se, neste primeiro período da vida, numa aquisição selectiva e progressiva que é comparável ao crescer das ondas em cada maré cheia.

O maior ou menor sucesso de cada um, na descoberta dos outros, ao longo da vida, assenta no modo como se constroem os fundamentos das primeiras relações e é neste processo vital da aprendizagem que o bebé gasta parte da sua energia, ao longo dos dois primeiros anos de vida.

O desenvolvimento emocional baseado no afecto, nestes primeiros dois anos, estrutura o sentido ecológico e etológico da vida da relação do bebé e, por outro lado, assegura a hierarquia dos sistemas interiores, em interacção contínua com o ambiente da criança. No mesmo contexto, com a emergência da linguagem, dois factos críticos fazem completar o desenvolvimento do eu infantil.

Primeiro, o bebé concebe-se e assume-se como alguém significativo para os seus significativos, compreendendo esse assumir o sentir-se e saber-se capaz de exprimir esse ser eu através da linguagem.

O segundo facto identifica-se com o desenvolvimento progressivo desse sentido do eu.

De facto, a maturação da linguagem faz emergir o bebé num mundo cultural cada vez mais vasto e é neste contexto que o bebé se transforma em criança e adquire, progressivamente, as competências sociais que o levam a partilhar as expectativas e as aspirações da cultura do seu mundo.

A base fundamental que assegura maior ou menor sucesso nesta integração foi denominada por Erikson ⁽⁵⁾ de «*basic trust*» ou seja confiança básica. Para Erikson, o propósito fundamental dos primeiros dois anos do desenvolvimento humano é a construção de uma atitude de confiança para com o mundo e para com a vida. Erikson acreditava que esta atitude provinha de uma mãe indulgente e identificada como fonte de amor, figura esta potencialmente substituível pelo pai ou outro prestador primário de cuidados.

Neste constructo, a premissa lógica seria assim organizada: se se construir cedo uma atitude de confiança básica, esta organização inicial viabilizará a construção de novas atitudes e auto-conceitos de confiança ao longo da vida e, deste modo, ficará determinada a protecção ou resistência a todos os desafios ou mesmo desajustes de natureza psicológica.

Esta confiança básica de Erikson poderá ser entendida como algo de correlacionável com os mecanismos interiores de organização – «*inner working models*» – propostos por Bowlby.

Neste constructo de Bowlby e seus seguidores o par mãe-filho é reconhecido como uma unidade dinâmica, activa e mutuamente participada, em que cada membro da díade se adapta e se potencia em função do outro, de modo a garantir, continuamente, as motivações necessárias e suficientes para então poder prosseguir, adequadamente, interacções sucessivas satisfatórias e revitalizadoras dos sistemas interiores de cada um.

Este modelo de reciprocidade transaccional é hoje reconhecido como um suporte teórico fundamental na compreensão de todo o desenvolvimento infantil. É ainda nesta base que se pode conceptualizar a evidência de que todas as modalidades existenciais do indivíduo, tanto na saúde como na doença, são inseparáveis dos efeitos transaccionais contidos nos sistemas interiores de regulação, em toda a continuidade do nosso desenvolvimento.

As relações entre os comportamentos mais precoces e mais tardios terão de ser, assim, compreendidas à luz da maturidade de uma experiência inserida na dinâmica daqueles sistemas interiores, experiência essa que é mediada, naturalmente, pelas flutuações próprias dos componentes bio-comportamentais, assumidos como únicos na individualidade de cada pessoa.

Na conceptualização de Bowlby ⁽²⁾, reactivada por Sroufe e col ⁽¹⁰⁾ e Bretherton e Waters ⁽³⁾, os modelos organizativos interiores que o bebé constroi, desencadeados pelas primeiras experiências gratificantes com a mãe, não serão propriamente reformulados quando de cada nova experiência, mas será antes cada nova experiência que se integrará na teia já tecida.

Neste contexto, a mudança entendida como adaptação é sempre algo de activo e não um processo determi-

nadamente passivo. Deste modo, os modelos organizativos interiores estarão constantemente a ser transformados, embora a sua estrutura básica, entendida como alicerce inicial de um projecto em desenvolvimento, seja o determinante mais influente em todo um porvir.

Os modelos organizativos interiores serão, assim, representações embebidas na experiência precoce que ajudam a criança a associar as suas novas experiências com as suas figuras de vinculação e, deste modo, a construir novas imagens de si e dos outros.

Ainda neste contexto, a forma como cada criança reage a situações de stress será de algum modo a leitura dos seus sistemas interiores e dos seus processos de vinculação e, por esta via, será algo de predictivo dos seus comportamentos nas suas relações posteriores.

Neste constructo, é possível configurarmos as expressões das diferenças individuais face às múltiplas situações estranhas que, experimentalmente, Ainsworth idealizou para, de certo modo, recriar hipóteses reais do quotidiano.

Para Ainsworth ⁽¹⁾, existem, basicamente, três tipos de bebés (A, B e C) de acordo com as suas reacções quando do reencontro com as suas mães após uma separação experimental vivida em laboratório.

O grupo B de bebés é o mais prevalente.

Estes bebés são os que, quando do reencontro, evidenciam prazer com a suspensão da frustração, prazer esse expresso por sinais de comunicação física, visual ou sonora. Estes bebés foram classificados como de vinculadamente seguros ou confiantes.

Os bebés A, chamados de inseguros, como que ignoram as suas mães quando do reencontro, embora alguns possam exibir algum comportamento de procura de proximidade.

Os bebés do grupo C combinam angústia e rejeição com algumas tentativas para reestabelecer o contacto com a mãe quando do reencontro e, de acordo com todos estes comportamentos, foram chamados de ambivalentes.

Estas três categorias que agrupam os comportamentos mais relevantes da «Situação Estranha», foram sistematicamente reencontradas e identificadas com fiabilidade em estudos posteriores que, sucessivamente, revisitaram a situação experimental do reencontro.

O que permanece como controverso é o que, de facto, é medido ou avaliada pela «Situação Estranha». A expressão de cada modalidade – A, B e C – será a da vinculação propriamente dita ou, apenas, a representação de alguns aspectos contidos ou garantidos pela relação primeira?

Os bebés B assumidos como tendo uma vinculação segura ou de confiança (se quisermos visitar aqui a menção Ericksoniana), contrastam com os bebés A e C assumidos como portadores de uma vinculação insegura.

Qual o significado potencial desta semiologia num contexto de desenvolvimento em que, cada vez mais, entendemos esse desenvolvimento como um processo de elaboração individual que se transacciona continuamente no envolvimento com os outros?

Neste envolvimento, entende-se que uns serão mais, outros menos significativos mas cada um tendo a sua própria expressão de segurança nos seus sistemas de vinculação ou seja, nas relações que estabelece com a circunstância de si próprio e de cada outro.

No nosso estudo, em que introduzimos o «still-face» como modalidade da situação estranha, os bebés do nosso grupo experimental que, de acordo com a nossa hipótese, teriam beneficiado com a intervenção feita às suas mães, no seu terceiro dia de vida, manifestaram comportamentos de menos prazer e menos afecto (através das suas expressões faciais) quando do reencontro com as suas mães ⁽⁶⁾. Quer dizer, ter-se-ão comportado não como bebés B mas mais como bebés C, na classificação proposta por Ainsworth.

No nosso entender, esta expressão comportamental não poderá ser entendida como sinal de uma pior qualidade interactiva mas até, pelo contrário, será reveladora de uma maior sensibilidade ou receptividade face ao observador que se confronta com uma expectativa.

Os nossos bebés do grupo experimental, terão ficado mais perturbados pela ruptura das regras interactivas que, supostamente, faziam parte de uma lógica contida nos seus modelos de organização interna.

Visto de outro ângulo, estes bebés estariam mais disponíveis e atentos face às modalidades comunicativas das suas mães e, também, à sua própria capacidade e competência em serem parceiros significativos de comunicação. Neste contexto se compreenderá a sua maior perturbação face ao que, para ele terá sido assimilado como absurdo e inesperado.

Podemos, porventura, conceptualizar que, ou o «still-face» determina outras modalidades de resposta distinta da «Situação Estranha» original, ou que as classificações inicialmente propostas serão elas próprias ambivalentes face às transacções possíveis, eventualmente ainda não totalmente reconhecidas, nomeadamente a partir de situações também ainda só experimentais como é o caso do nosso estudo centrado numa intervenção precoce.

Um aspecto extremamente interessante que resultou da proposta de Ainsworth é a predictabilidade desta nova expressão semiológica.

Para mim este aspecto é crucial em termos de prevenção e promoção de bem-estar quando equacionada esta dimensão fundamental do desenvolvimento humano: Criança, Família, Sociedade.

O que foi notável no estudo de Ainsworth foi a descoberta de que a sensibilidade natural ou afinidade entre

a mãe e o bebê – aquilo a que chamamos hoje de contingência – avaliada aos seis meses de idade, prediz uma relação de confiança ao ano de idade. Apesar destes resultados terem sido fiabilizados em, pelo menos, seis estudos posteriores, ainda pouca gente acredita totalmente nisto.

É que, de facto, a ser verdade, o silogismo será este: – Boa contingência hoje, boa vinculação amanhã!

É claro que teremos que ser muito flexíveis e cuidadosos numa interpretação profunda desta premissa.

Um estudo levado a cabo nos E.U.A., precisamente em Minneapolis citado por Konner ⁽⁹⁾, confirma esta dificuldade de interpretação.

Em duzentas díades, classificadas socialmente como classe pobre e desprotegida, 31 mães foram identificadas como desadequadas nos cuidados aos seus filhos, isto é, não tinham cuidado na mudança de fraldas, deixavam os seus bebês sós e não tomavam conta deles, responsabilmente, quando doentes. Num outro estudo 33 mães da mesma classe foram classificadas como excelentes na expressão dos cuidados e atenção prestados aos seus bebês.

Este tipo de avaliação materna foi efectuado todos os 3 meses até ao fim do primeiro ano de vida. Aos 12 meses, então, foram avaliadas as díades através da «Situação Estranha».

No grupo em que os cuidados maternos eram excelentes, a proporção de bebês B (vínculo seguro) foi de 75%, proporção esta superior à habitualmente verificada nas classes sociais média alta e superior. Em contrapartida, no grupo de mães descuidadas, só 38% dos bebês foram classificados como B.

Estes resultados, numa primeira análise, foram interpretados como fortemente confirmativos da tese contingência-vinculação («attunement-attachment»).

O problema, porém, surge com as avaliações posteriores. É que aos 18 meses, por exemplo, quando a «situação estranha» foi de novo testada, já não se verificaram diferenças significativas entre os grupos.

O que aconteceu foi que os grupos se alteraram, nomeadamente porque a qualidade de cuidados reverteu para melhor nalgumas díades por correspondente melhoria da condição económica e social das famílias. Por outro lado, terá acontecido, também, provavelmente, que alguns bebês «resistentes» ou «ambivalentes» (bebês C) terão passado para o grupo dos «evitadores» (avoidants). Quer dizer, depois de meses de protesto, estes bebês ter-se-ão resignado o que significará como que um relativo desistir das suas mães.

Se reflectirmos ainda em conjunto sobre os resultados de tantos outros estudos que se têm debruçado sobre a vinculação em várias culturas e em diversos países, constatamos que as diferenças são grandes mesmo dentro

de cada país, fazendo crer que há vários factores determinantes no modo e na elaboração do vínculo tal como vimos a propósito da condição económica e social.

Diríamos, em suma, que a classificação sumária de bebês nos grupos A-B-C reflecte, de facto, de forma sensível a qualidade do vínculo, mas esta qualidade terá que ser compreendida e interpretada em função de outras variáveis.

Voltará aqui a ter sentido, a nossa reflexão sobre os resultados do nosso estudo que aos 12 meses de idade introduziu o «still-face» como uma modalidade de «situação estranha» num propósito de indução de stress às díades que faziam parte da nossa amostra ⁽⁶⁾.

Uma das variáveis mais significativas que faltará equacionar será a característica inata do temperamento individual.

Todos conhecemos o que são as expectativas maternas face ao bebê sonhado e todos conhecemos o que significa o confronto, por vezes tão penoso, entre a fantasia e a realidade.

Um dos grandes desafios que é hoje enfrentado por jovens pais, que vivem com ansiedade e alguma frustração o nascimento do seu filho, é esta desadequação associada à impreparação que sentem para fazer face ao desajuste e, por vezes, ao desencanto.

Com a redução da natalidade e com a divulgação actual, feita pelos media, de tudo que é psicológico e envolve os cuidados à criança, cada filho cobre-se de ouro e precipita a grande questão na mente dos seus pais: «Somos nós capazes e competentes para criar este bebê, este nosso filho?!... Toda a gente sabe tanto e nós só sabemos que não sabemos nada...»

Aquela variável temperamental que hoje conseguimos esclarecer de forma tão profunda logo nas primeiras horas e dias de vida através da avaliação neuro-comportamental dos bebês (NBAS) terá, de facto, que passar a entrar na nossa avaliação conjunta – temperamento, vínculo e comportamento.

Assumamos alguns exemplos: os bebês difíceis, aqueles que continuamente choram mais do que estava na expectativa das suas mães, os que se consolam com mais dificuldade do que porventura era fantasiado, os que «aguentam» o alerta menos do que o sonhado, enfim, os bebês «difíceis», exasperam as suas mães, podendo levar a cuidados mais inadequados e impróprios e, também, a uma vinculação mais insegura ou seja, de menos confiança.

Por outro lado, os bebês B, «melhor vinculados» podem ter temperamentos distintos que vão desde o activo ao inactivo, do fácil ao difícil, do calmo ao irritável. Estes mesmos bebês, quando do reencontro após a «situação estranha», podem manifestar comportamentos extremamente variáveis.

Alguns demonstrarão exuberantemente a sua alegria enquanto outros exibirão algum agrado, guardando, porém, uma certa distância, nos primeiros instantes.

Assim, se dermos prioridade a uma classificação temperamental alguns bebês do grupo A – «evitadores» – agrupar-se-iam melhor com alguns do grupo B que, embora comunicando com a mãe quando do reencontro, guardam alguma distância ou, se quiserem, algum ressentimento.

Talvez por isto, o «still-face» nos bebês que tiveram a oportunidade da intervenção precoce que criamos no nosso estudo, terá, porventura, mergulhado mais fundo no temperamento de cada bebê e terá feito, assim, «explodir» de algum modo, mais ressentimento do que se poderia esperar em função dos outros resultados que aquela nossa intervenção induziu.

Talvez por isto, também a «situação estranha» medirá algo que tem a haver, de facto, com as relações, mas não tudo ou mesmo só parte da personalidade inata de cada bebê.

Precisamos, porventura, de mais modelos e de outros instrumentos para ir mais fundo na avaliação deste mistério que está contido nas relações interpessoais, sobretudo nas supostamente significativas.

Quando se equaciona um tema como este – Criança, Família, Sociedade – cada vez mais a problemática que percebemos como prioritária envolve o modo como as ondas se propagam ou, melhor, o modo, o timing e a amplitude como se processam essas ondas. Dito de outro modo, partindo da criança para a família e continuando da família para a sociedade, o mais relevante será a construção sucessiva e alargada das relações e, nesde ondear, será essencial entender cada vez mais o que é que está no meio e que influencia a quebra da onda, quando ela bate na areia ou na borda do lago ou no coração de alguém.

A problemática da importância das primeiras relações é assumida hoje como crítica para o estabelecimento de estratégias interventivas por parte dos profissionais de saúde e educação que sintônica e conjuntamente estão preocupados com a prevenção dos riscos e com o atenuar das vulnerabilidades.

A nossa espécie pertence ao grupo dos animais classificados como primatas diferenciados e que inclui, além de nós, os macacos, os chimpanzés e os gorilas.

Todos demonstram comportamentos de cuidado e de ternura para com as crias, numa primeira fase do seu desenvolvimento, e é manifesto que o vínculo criado é bilateral, é forte e é crescentemente progressivo ao longo dos primeiros tempos de vida.

A privação ou deterioração experimental provocada em macacos ou chimpanzés, já que por razões éticas só neles é viável induzir aquela privação, leva a manifestas alterações do comportamento das crias, quicá mesmo

grotescas formas de conduta. Todos conhecem a hiper-agressividade de chimpanzés que foram privados de pequenos timings de contacto com as suas mães, hiper-agressividade essa combinada com comportamentos de auto-embalamento, auto-mordedura e, mais tarde a incompetência sexual e negligência parental.

O que provaram os estudos nestes animais e sublinharei os efectuados por Harlow ⁽⁷⁾ e Hinde ⁽⁸⁾ é que a intrusão expressa por uma intervenção perturbadora da relação mãe-filho, intervenção esta assumida como variável independente, conduz a efeitos desastrosos na relação e nos comportamentos individuais.

Há quinze anos atrás, vários investigadores – e nós incluímo-nos neste grupo – estudámos entusiasticamente os efeitos diferenciais daquela variável independente, reformulada logo no período neonatal, nomeadamente no que respeita ao contacto precoce entre mãe e bebê.

Estes resultados foram consistentes no que respeita a efeitos a muito curto prazo, mas obviamente revelaram-se nulos assim que o curto prazo se transformou em média ou mesmo longa distância, em função da intervenção efectuada.

Quer dizer, o contacto precoce é apenas um degrau na longa escada dos processos que viabilizam o vínculo. Acreditamos ainda hoje que foram fundamentais aqueles estudos para demonstrar que aquele degrau era decisivo, tantos eram ainda os detractores e os incrédulos face à construção biológica e psicológica do amor.

O que hoje acrescentamos àqueles estudos é o significado da sedimentação progressiva e consistente das outras experiências vinculadoras. A teia constroi-se com a certeza (que a mãe vai construindo dentro de si) de que aos dois ou três meses o seu bebê responde adequadamente à sua comunicação através de um sorriso ou de uma vocalização contingente; a teia constroi-se com a constatação gratificante dessa mãe perante o facto do seu bebê (com cerca de seis meses) a preferir nitidamente face a outros estranhos ou até mesmo a outros familiares não tão próximos. Decisivas serão ainda todas essas experiências gratificantes revisitadas aos doze meses quando ela constata, então, a explosão de alegria do seu bebê quando ele volta para o pé dela após um qualquer afastamento mesmo que breve.

Estes serão os outros degraus, ou se quiserem, as ditas ondas em círculos concêntricos, progressivamente propagadas e assimiladas e que, consolidam, através dos laços, o primeiro impacto.

Este primeiro impacto, ainda na mesma imagem, será a pedra atirada ao lago, será a realidade biológica dum gravidez ou dum nascimento, a esse impacto sucedendo-se uma propagação suave e constante de outras ondas, eu diria quase intermináveis e que associamos ou identificamos, contingentemente, com a construção psicológi-

ca e social das relações. Tudo isto leva à construção do eu emocional e social que faz de cada um de nós alguém que só se pode sentir bem em interacção com outros que nos querem bem.

O mistério deste enigma – Criança, Família, Sociedade – está nesta imagem, neste constructo, nesta lógica.

Estamos, hoje, todos – profissionais da saúde e da educação, antropólogos, sociólogos, psicólogos, médicos, enfermeiros e muitos outros – estamos todos interessadíssimos em mergulhar mais no mistério e, em conjunto, tentar perceber mais e melhor, quais os determinantes que influenciam o jogo das forças e das fraquezas que viabilizam a trajectória afectiva e social de cada pessoa, de cada criança. Por isso, fundamental será o estudo e a avaliação, em cada ponto de viragem do desenvolvimento, da vulnerabilidade versus resiliência de cada pessoa e, em especial, de cada criança, em particular no que se refere à sua adaptação ao jogo social e ao desafio vincutivo.

Será, se quiserem, prestar mais atenção às ondas.

Num outro ângulo, perspectivar o conjunto de forças que influenciam esta tríade – Criança, Família, Sociedade – implicará conhecer melhor quais os outros determinantes fundamentais que influenciam cada trajectória individual.

Perguntando de outro modo: Quais os grandes desafios sociológicos da nossa era, quando equacionamos prioritariamente o desenvolvimento emocional das nossas crianças em função das suas relações mais significativas?

À formulação desta questão várias respostas poderão estar correctas. Esta questão é, de facto, um desafio e ele é, por sua vez, um detonador essencial para a nossa reflexão e para uma intervenção adequada e combinada dos profissionais da Saúde e da Educação.

Não há dúvida que o envelhecimento progressivo da população, o declínio da natalidade, o incremento dos sinais de ruptura familiar, o desenvolvimento galopante do fundamentalismo religioso são, entre outros, alguns dos grandes desafios sociológicos da nossa era. Porém, um outro, a entrada maciça da mulher no mercado do trabalho do nosso tempo, terá que merecer uma atenção muito especial por parte de sociólogos, psicólogos e clínicos.

90% das mulheres portuguesas trabalham, 90% delas trabalham em full-time e tudo isto se conjuga para o facto de Portugal ser o segundo país da União Europeia em percentagem de massa trabalhadora feminina.

Numa apreciação global poder-se-á dizer que, de algum modo, em muitos países da Comunidade Internacional, tal como em Portugal, cerca de 90% das mulheres combinam trabalho com maternidade no percurso da sua vida em que a reprodução é viável.

Esta realidade representa uma transformação cultural enorme com implicações profundas para a criança e para a família.

A maior implicação desta realidade é o facto de que a maior parte destas crianças que pertencem a estas famílias em que ambos os progenitores trabalham, precisa de frequentar creches e jardins de infância desde os primeiros meses de vida ou, pelo menos, ter alguém que cuide delas – familiares ou amas – durante o período em que os pais trabalham.

Sabemos hoje, que a circunstância da criança passar umas horas do dia com estranhos não é, em si mesma, um inconveniente major. Sabemos também que estar na creche provoca um desenvolvimento intelectual mais rápido sendo porém este facto apenas uma potenciação de competências que é temporalmente provisória.

A «situação estranha» foi utilizada de forma repetida em bebés que frequentam Serviços de Educação e não se constataram diferenças significativas relativamente a choro após a separação da mãe quando comparado o grupo de bebés da creche com um grupo controlo de bebés que permanecem em casa.

Porém, ao considerar-se não só o conceito de separação mas, especificamente, a altura da reunião quando do reencontro, parece que os bebés do grupo das creches manifestam sinais de vinculação mais insegura.

Qual o significado dos resultados das investigações feitas nesta área quando equacionados em função da teoria da vinculação e da pragmática clínica e educacional que todos temos de gerir?

A meu ver, duas dominantes deverão influenciar o nosso juízo. Uma é ditada pelo bom senso que envolve, nomeadamente, o nosso apoio potencial à qualidade das primeiras ligações e que será naturalmente reforçado por tudo o que existe já bem provado – o apoio à gravidez, a consulta pré-natal, o contacto precoce, as intervenções pós-natais, o envolvimento familiar.

A outra implica ter, cada vez mais em conta todas as variáveis envolventes da creche e jardim infantil. Haverá que considerar, assim, a qualidade dos educadores, o seu número e, sobretudo, o grau de rotação ou seja os seus turnos com a respectiva implicação na duração e qualidade dos vínculos.

No fundo, a grande questão é a que é formulada por Alison Clarke-Stewart ⁽⁴⁾ – «*O emprego materno é uma realidade; a questão hoje não é pois a de saber se os bebés devem ou não ir para a creche, mas sim a de considerar o como eles poderão ali desenvolver do melhor modo as suas experiências em continuidade com as de suas casas, em função do seu desenvolvimento individual e relacional e na medida das expectativas e dos sentimentos dos seus pais*».

A problemática do encontro sucessivo entre aspirações e realidade com a subsequente construção da auto-estima numa referenciação social progressiva é a grande questão a ponderar quando equacionamos Criança – Família – Sociedade.

Não é crível ser um mero acidente evolucionista que os comportamentos de referenciação social e os que traduzem o protesto quando da separação mãe-bebé surjam expressos na coincidência temporal dum desenvolvimento motor que permite ao bebé começar a separar-se progressivamente da mãe. Os riscos que estão envolvidos nestes grandes saltos que se identificam com as distâncias progressivamente conquistadas – gatinhar, andar, correr, etc. – estão manifestamente diminuídos nas crianças que estabelecem desde cedo padrões de ligação segura com as suas mães.

É que, afinal de contas, não é o desenvolvimento motor a força decisiva e mais determinante do porvir. A questão que Piaget já formulara tem que ser de novo revisitada – onde é que a maturação se cruza com a experiência e é potenciada por ela?

Eu responderia hoje que o mistério está na ligação, ou melhor, na força da ligação.

É este o mistério que dá sentido à construção das ondas de desenvolvimento a partir das primeiras experiências significativas. São estas as ondas que dão sentido à construção da auto-consciência do eu, à auto-consciência da família, à auto-consciência da sociedade e a um sentido global de coerência, indispensável ao desenvolvimento humano.

Voltemos à fantasia inicial, centrada na Laura. A reacção ao estranho, o reconhecimento da separação, a ansiedade de perda, fazem parte do ordenamento duma referenciação social ou seja da construção duma intersubjectividade que faz visitar, continuamente, em cada

criança e em cada seu percurso de interacção, a questão do significado das ligações, da sua confiança, da sua segurança e, sobretudo, a questão da expectativa antecipatória em função de cada nova experiência.

Em Saúde, em Educação, em Justiça, dar atenção ao vínculo é dar uma mão ao futuro.

Criança, Família, Sociedade são as ondas dum enorme lago onde nós e os outros mergulhamos e navegamos, sem conhecer exactamente a que distância da margem a pedra, efectivamente, caiu.

Será o rechaço de cada onda, em cada acto da nossa vida que nos faz crer que mais do que a margem, é a força da onda que nos marca o rumo.

BIBLIOGRAFIA

1. Ainsworth MDS. Attachment: retrospect and prospect. In: Parkes CM, Stevenson-Hinde J (eds). The place of attachment in human behavior. Basic. New York, 3-30, 1982.
2. Bowlby J. Attachment and loss (Vol I). Basic. New York, 1982.
3. Bretherton I, Waters E. Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50 (Serial 209), 1995.
4. Clarke-Stewart A. Interaction between mothers and their young children: characteristics and consequences. Monograph of the Society for Research in Child Development, 37 (Serial 153), 1973.
5. Erikson EH. Childhood and Society. Norton. New York, 1963.
6. Gomes-Pedro J, Patrício M, Carvalho A, Goldschmidt T, Torgal-Garcia F, Monteiro MB. Early Intervention with Portuguese Mothers: A 2-Year Follow-up. Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics, 1995, N.º 1; Vol. 16: 21-8.
7. Harlow HF, Harlow MK. The affectional Systems. In: Schrier AM, Harlow HF, Stollnitz F (eds). Behavior of non-human primates (vol 2). Academic. New York, 1965.
8. Hinde RA. On describing relationships. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 1976; 17: 1-19.
9. Konner M. Childhood – a multicultural view. Little, Brown. Toronto, 1991.
10. Sroufe LA, Fox NE, Pancake VR. Attachment and dependency in developmental perspective. Child Development, 1983; 54: 1615-27.